

11

PATRI MÓNIO ESTUDOS

REVISTA DO INSTITUTO DE GESTÃO DO PATRIMÓNIO
ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO

Museu do Côa

Memória e criação em diálogo

Información = Cultura

Património paisagístico

Património: riscos e prevenção

INTERVENÇÕES

MUDE

Património, território e turismo

Aldeias do Xisto

JULHO 2011 | ISSN 2182-2212 | PVP 20€

PROF. UCA

iges
par

INSTITUTO DE GESTÃO
DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO
E ARQUEOLÓGICO

INCM

www.igespar.pt

PATRI MONIO ESTUDOS

N.º 11 | 2011

Na capa e contracapa
Museu do Côa (fotografia JPR)

DIRECTOR DO IGESPAR
Gonçalo Couceiro

PRODUÇÃO EDITORIAL
IGESPAR – Departamento
de Inventário, Estudos e Divulgação

DIRECTOR
Manuel Lacerda

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Deolinda Folgado
Miguel Soromenho (colaboração)

COLABORARAM NESTE NÚMERO

Artur Côte-Real
Bárbara Coutinho
Beatriz Sanjuán Ballano
Belany Barreiros
Bruno Ramos
Carla Simões
Célia Ramos
Fátima de Llera
Fernando Marques
Fernando Real (IGESPAR)
Gerhard Doderer
Gerhard Grenzing
Guilherme d'Oliveira Martins
Irene Frazão (IGESPAR)
Isabel Raposo de Magalhães
João Pedro Cunha Ribeiro
(IGESPAR)
João Scabra Gomes (IGESPAR)
José Manuel Simões
Lúcia Inês Gambini
Lúcia Gonçalves de Brito
Maria Magalhães Ramalho (IGESPAR)
Maria Teresa Cruz
Rita Theriaga Gonçalves (IGESPAR)
Telma Teixeira

COLABORARAM NA SECÇÃO ACONTECE

António Faria (AF), IGESPAR
Carla Lopes (CL), IGESPAR
Fernando Real (FR), IGESPAR
Jorge Alves (JA), IGESPAR

COLABOROU NA REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA

Manuela Moreira (IGESPAR)

FOTOGRAFIA / IGESPAR
José Paulo Ruas (JPR)

DESIGN GRÁFICO
Margarida Vieira

PAGINAÇÃO
Imprensa Nacional-Casa
da Moeda, S. A.

REVISÃO DE TEXTO
Imprensa Nacional-Casa
da Moeda, S. A.

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO
Imprensa Nacional-Casa
da Moeda, S. A.

DISTRIBUIÇÃO
Imprensa Nacional-Casa da Moeda,
S. A. / HT — Dist. Comercialização
de Produtos Culturais

EDIÇÃO
Instituto de Gestão do Património
Arquitectónico e Arqueológico
Imprensa Nacional-Casa
da Moeda, S. A.

TIRAGEM
1.500 exemplares
ISSN: 2182-2212
Depósito legal n.º 170 293/01

Património/Estudos
Publicação do IGESPAR, I. P.
Instituto de Gestão do Património
Arquitectónico e Arqueológico
Palácio Nacional da Ajuda
1349-021 Lisboa
Tel: +351 – 21 3614336
Fax: +351 – 21 3628472
E-mail: igespar@igespar.pt
www.igespar.pt

Os artigos da revista *Património/
Estudos* são da exclusiva
responsabilidade dos respectivos
autores, e não reflectem,
necessariamente, o ponto
de vista da direcção da publicação
ou do IGESPAR, I. P.

Os textos e as imagens desta
publicação não podem ser
reproduzidos sem autorização prévia
do IGESPAR, I. P.



CADERNO MUSEU DO CÔA

5

O MUSEU DO CÔA
E A ARTE PALEOLÍTICA
AO AR LIVRE
UM PATRIMÓNIO ÚNICO,
DE TODOS E PARA TODOS
João Pedro Cunha Ribeiro

11

DO PARQUE
ARQUEOLÓGICO
AO MUSEU DO CÔA:
DO CONCEITO À EXECUÇÃO
Fernando Real

21

UM MUSEU NA PAISAGEM
Lúcia Gonçalves de Brito

26

COMUNICAÇÃO, CULTURA
E ARTE: A COMUNICAÇÃO
DO PATRIMÓNIO
MUNDIAL NO MUSEU
DO CÔA
Maria Teresa Cruz



PENSAMENTO

31

PATRIMÓNIO CULTURAL
MEMÓRIA E CRIAÇÃO
EM DIÁLOGO
Guilherme d'Oliveira Martins

36

INFORMACIÓN = CULTURA
MAPAS PATRIMONIALES
PARA IR DE LOS MEDIOS
A LAS MEDIACIONES
Beatriz Sanjuán Ballano

42

REFLEXÕES SOBRE
A SALVAGUARDA
DO PATRIMÓNIO
PAISAGÍSTICO
Rita Theriaga Gonçalves

48

O PATRIMÓNIO E A SUA
SOBREVIVÊNCIA:
RISCOS E PREVENÇÃO
Isabel Raposo de Magalhães

UM MUSEU NA PAISAGEM

Lúcia Gonçalves de Brito

Engenheira civil.

Direcção de Serviços de Bens Culturais da Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo.

Membro do Grupo de Trabalho para a Instalação do Museu do Côa (2007-2010).



O edifício na paisagem.
JPR | IGESPAR, 2010.

Erguer no território

Pressupondo que todo o projecto museológico é único, resultante de uma história única e que toda a apropriação do território «impõe uma ordem anteriormente inexistente», o Museu do Côa não é um objecto isolado, relaciona-se com o contexto natural e introduz os sítios arqueológicos. Ergue-se em sintonia com o carácter do lugar, respondendo à fusão com a paisagem, traduzindo uma concepção unitária de forma e conteúdos — é um valor acrescido ao cenário físico e sociocultural da região. O Museu do Côa é uma instalação na paisagem. Ultrapassando uma abordagem tradicional, neste Museu a noção de colecção é substituída pela de património — Património da Humanidade.

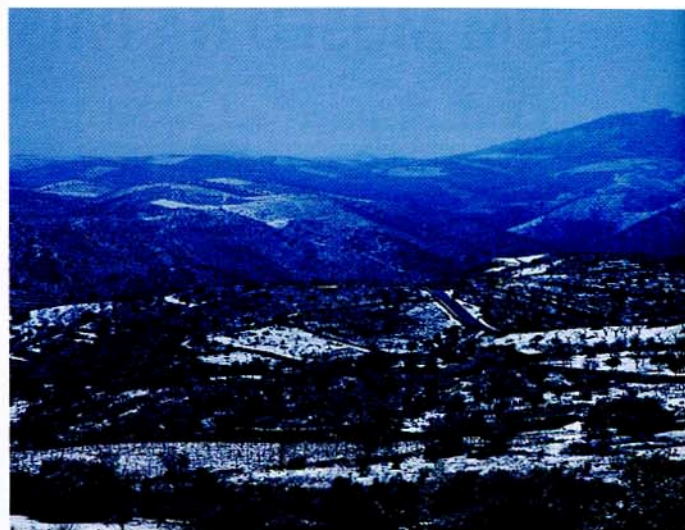
A intenção da sua construção surgiu associada à classificação, pela UNESCO, da arte rupestre do vale do Côa como Património da Humanidade. O primeiro prémio do concurso público para os trabalhos de concepção e elaboração do projecto do Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa foi atribuído ao trabalho dos arquitectos Pedro Tiago Lacerda Pimentel e Camilo Bastos Rebelo, do Porto, tendo o Consórcio de Projecto a participação do GOP — Gabinete de Organização

e Projectos. O Museu construído é o resultado do desenvolvimento da proposta vencedora: projecto do edifício e projecto expositivo. É a concretização de uma política pública de cultura nacional e internacional.

Os sítios arqueológicos e a construção do museu ilustram o facto de a História e a Cultura serem referências indissociáveis na abordagem da dinâmica do território. Ambas incidem na estruturação do tempo, na estruturação do indivíduo e na estruturação do espaço. No desenvolvimento do vale do Côa, a inevitável escolha do que permanece, em confronto com o que muda, depende de práticas sociais que ultrapassam os critérios históricos¹. Um país colectivamente inteligente organiza inteligentemente o seu espaço². Este Museu é mais um meio do que um fim: uma unidade orgânica, uma multiplicidade de componentes integradas num sistema cuja origem remete para 25 000 anos antes de Cristo.

Uma ampliação da arquitectura

O vale do Côa é um dos mais importantes sítios do mundo de arte rupestre ao ar livre. No espaço de criação e de ordenamento da arte paleolítica do Côa, as



^
O Museu do Côa
no contexto
natural
da região.
António Martinho
Baptista, 2010.

>
O Museu
na paisagem
de Inverno.
António Martinho
Baptista, 2010.

formas rupestres dialogam com a luz, a água, a geomorfologia e os próprios painéis rochosos. Este diálogo é arrastado do passado para o presente através de uma solução que, excedendo a arquitectura, se estende sobre a paisagem. A arquitectura da paisagem é uma ampliação da arquitectura por outros meios; ambas constituem um mesmo trabalho³.

«A Arte Rupestre que qualifica de forma única as margens do rio Côa é provavelmente a primeira forma de *Land Art* da História da Humanidade. Esta condição revelou-se desde logo o motor da construção da ideia do projecto. A *Land Art* caracteriza-se genericamente de duas formas distintas.

Na primeira a condição de intervenção na paisagem é executada com elementos naturais promovendo continuidade, onde a geometria de carácter abstracto se impõe destacando a intervenção. Na segunda, a estratégia é a de trabalhar um corpo, desenhado especificamente para um lugar promovendo um diálogo íntimo entre artificial/natural e aumentando deste modo a complexidade temática da composição do mesmo.

O território sugere neste caso uma dupla leitura, pois é o suporte natural da paisagem, com o que se pretende intervir e dialogar, mas é também a consequência da intervenção do homem numa natureza modelada, enfatizando a condição artificial.

No caso do Museu parece ser importante o sentido afirmativo do corpo, quer na sua leitura de intervenção na paisagem, quer quanto à sua natureza tipológica que deve ser formalizada enquanto massa física, não deixando quaisquer ambiguidades e equívocos quanto à sua localização e conteúdo...

...os temas abordados são diversos, resultando de uma dinâmica de trabalho que procura cruzar factores

exteriores, como topografia e acessibilidades, e factores de conteúdo programático.

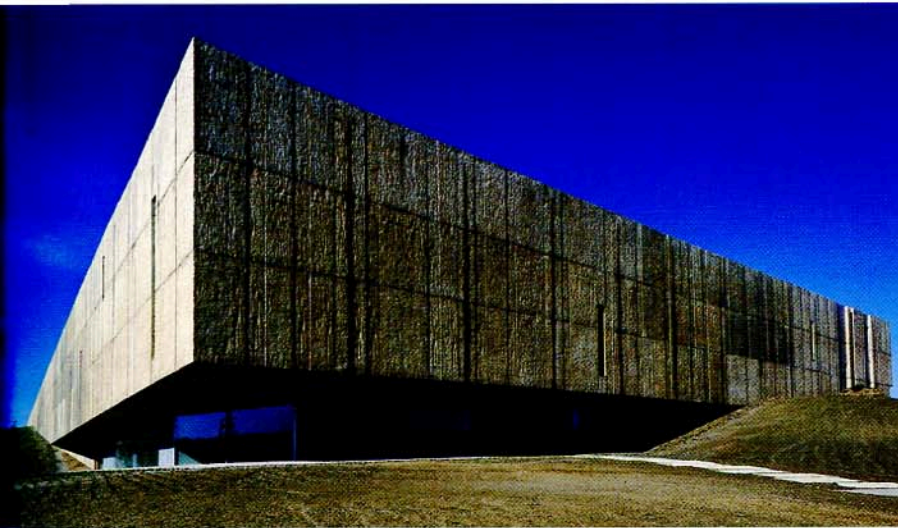
O desafio de fundir esses factores torna-se explícito no conceito da intervenção — conceber um museu enquanto instalação na paisagem.»⁴

Da idealidade ao espaço real

Através do desenho, o projecto do museu garante uma identidade própria, afirmando a relação assumida com a integração no sítio e no contexto. De acordo com o texto inicial do documento do Anteprojecto (Julho de 2005) transcreve-se:

«A proposta agora apresentada resulta da natural sedimentação de múltiplas complexidades. Os conceitos que estiveram na génese da concepção da proposta do concurso mantêm-se como linhas estruturantes desta. Esta condição conceptual é de natureza evolutiva, onde sistematicamente se incrementam novas complexidades, promovendo-se avanços e recuos, sempre com o desígnio de fundir toda a informação na peça que se deseja singular, quer na sua relação com o lugar, quer com a razão de ser da sua origem — a estrutura que recebe o Património Arqueológico do Vale do Côa.

A evolução do corpo do museu — enquanto prótese metamórfica — tem por base um pressuposto único de integração na paisagem. Neste sentido é simultaneamente um gesto forte e afirmativo, mas também subtil, sensível à topografia e dialogante com a paisagem que o recebe.»



Em 2004 este projecto integrou o processo complexo e atípico, iniciado em 1997. A concepção, construção e instalação do museu, respeitou os procedimentos da Administração Pública e cumpriu os co-financiamentos comunitários. Na história não visível do projecto — o trabalho dos arquitectos é comprometido por alguns políticos, alguns construtores, alguns planos, alguns funcionários, e algumas vezes por eles próprios⁵.

Uma peça singular

Na sua corporeidade, o edifício evidencia o uso comunicativo de todos os factores formais e materiais. «Tem subjacente um cariz escultórico, assumidamente contemporâneo.»⁶ A linguagem, composição, materiais e relação com a envolvente configuram, de uma forma unificadora, o espaço interior e exterior. A organização funcional reflecte uma unidade de concepção e uma relação intensa com o meio circundante, interceptando topografia, acessibilidades e programa. Incorpora referências e soluções resultantes do exercício da interdisciplinaridade e de opções infra-estruturantes.

O edifício é composto por quatro pisos — cobertura/piso 2, piso 1, piso 0 e piso -1 — organizados por um sistema particular de circulações verticais e horizontais.

A cobertura articula circulações pedonais de acesso ao Museu, com faixas destinadas a estacionamento de veículos. Incorpora ainda áreas panorâmicas. Existe um núcleo de acessos verticais composto por dois elevadores e escada de ligação directa à entrada do átrio do Museu e instalações de apoio.

O piso 1 destina-se, exclusivamente, a áreas administrativas e áreas técnicas. As áreas administrativas são iluminadas por vãos verticais, «cujas dimensões, de acordo com a métrica que regula o desenho do museu são múltiplos de 0,60 m. Com este sistema procura-se que as aberturas estabeleçam relações selectivas com a paisagem»⁷.

O piso 0, onde se situam a exposição permanente do Museu e as salas de exposições temporárias, é estruturado pela rampa/corredor que percorre todo o corpo. «No fim do primeiro tramo da rampa formase um nó de ligações.»⁸ Dá acesso à recepção do sector administrativo, aos espaços exteriores do Museu, ao serviço educativo, ao piso -1 pela escada, ao auditório, à porta principal do Museu e à escada de ligação à cobertura. O público tem acesso às áreas de bilheteiras/bengaleiros, às instalações sanitárias e à loja.

A exposição permanente do Museu reúne sete espaços individualizados, estruturados pelo corredor central, onde Ângelo de Sousa intervém com um conjunto de espelhos. No sector sul, bem como nas três salas das exposições temporárias, existem «frestas» que relacionam o interior com a paisagem; o sector Norte liga com uma área de apoio. O espaço do serviço educativo evidencia uma relação intencional com o exterior; é um espaço autónomo, vocacionado para actividades variadas. «O auditório resulta de um espaço — ponte entre pisos, garantindo-se, deste modo, a ligação tanto ao lobby do museu como ao átrio de acesso do restaurante/cafetaria. [...] A principal característica do espaço é a sua enorme janela panorâmica [...] que enquadra o vale do Douro e promove uma relação intensa com a paisagem.»⁹

^ O edifício é uma peça singular com 8121,31 m² de área bruta e 6243,28 m² de área útil. JPR | IGESPAR. 2009.

< A continuidade cromática entre a arquitectura e a geografia, reforça o uso comunicativo dos materiais. JPR | IGESPAR. 2010.



O espaço destinado à actividade de restauração.
JPR | IGESPAR. 2010.

No revestimento do edifício, a cor e a textura foram conseguidas através do uso de betão com inertes e pigmentos de xisto e com recurso a moldes realizados sobre as rochas locais. De acordo com a Memória Descritiva do projecto geral de arquitectura da fase de projecto de Execução (Maio 2006) a escolha dos materiais aplicados «segiu critérios de coerência plástica e formal, procurando conciliar com sistemas de fácil manutenção futura, com investimento inicial reduzido e de rápida e simples execução em obra».

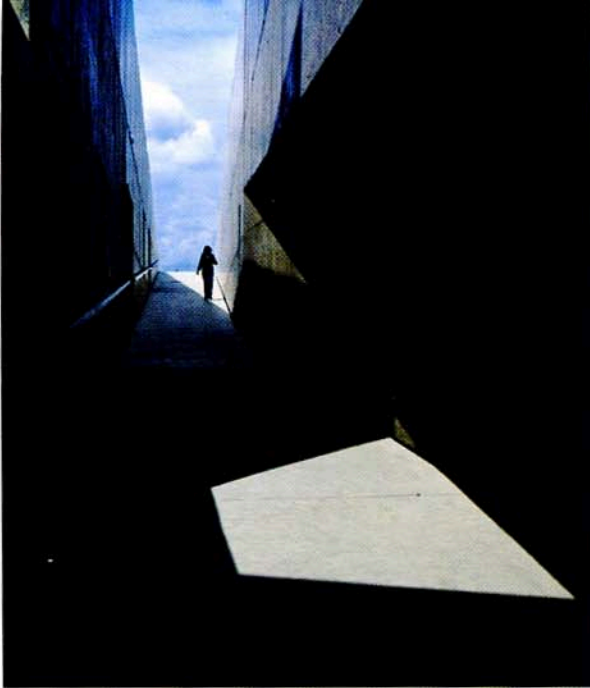
Do arcaico ao contemporâneo

No Museu do Côa a arquitectura assume um papel central na sua identidade mas, para a maior parte dos visitantes, a exposição é o Museu, estabelecendo o principal ponto de contacto com a temática, proporcionando simultaneamente informação e entretenimento. A interacção entre museu/exposição e o visitante proporciona uma experiência cognitiva global — sensitiva, intelectual, emocional e estética.

A ausência de uma quantidade significativa de espólio corpóreo original passível de se expor no interior do Museu elege os próprios sítios arqueológicos como verdadeiros objectos de referência material e remete para formatos e vocabulários expositivos recentes. A temática definida pela Arqueologia traduz-se na abordagem de conceitos como Imagem, Arte, Cultura, Território e Paisagem.

A acção expositiva assenta numa reflexão centrada em diferentes formas de apresentação do conteúdo. A solução adoptada reflecte a alteração de função e motivação do uso das imagens das gravuras e sítios no vale do Côa para um ambiente criado para novos suportes e leituras onde prevalece o uso de métodos contemporâneos de comunicação associados à intenção de gestão do conhecimento e do acesso à informação. A utilização de tecnologias multimédia, acompanhada do recurso sistemático à fotografia e ao desenho, associa-se à exposição de objectos encontrados que testemunham o quotidiano de quem viveu no vale do Côa no Paleolítico, o nascimento do gesto simbólico, o nascimento do gesto técnico, a emergência da Cultura e de uma nova relação com a Natureza. A paisagem sonora dos espaços inscreve-se nesta lógica natural, numa percepção complementar ao olhar.

O percurso expositivo é linear. A modulação temática estrutura-se em dois núcleos: três salas de contextualização e introdução à temática expositiva e quatro salas onde é apresentada a temática específica relacionada com a arte rupestre e a sua associação à arte contemporânea. Os elementos expostos variam entre peças arqueológicas, elementos gráficos, como fotografia, desenho, aplicações audio-visuais e uma peça original do artista Alberto Carneiro. O *lay out* expositivo recorre a um sistema flexível. Os elementos horizontais são constituídos por vitrinas/mesas de luz e os verticais são do tipo caixa de luz/painel infográfico e ecrãs. Sendo a arte paleolítica do Côa uma arte da luz, a iluminação assenta no registo da descontextualização das gravuras. É proposto um ambiente de luz ténue, propício ao exercício da atenção; a luz emana das próprias gravuras, ou seja, da representação das próprias gravuras.



Nada nos deve ser indiferente

A cultura que cultiva as relações é a força capaz de contrapor a fragmentação do nosso mundo¹⁰. O Museu do Côa marca, decisivamente, a vida cultural da região. A qualidade das instalações, conteúdos e oferta cultural cria uma relação entre o visitante e o espaço e entre o visitante e o tempo, que privilegia a formação individual e o interesse pelas questões de vivência colectiva. Reforça o reconhecimento da identidade, sociabilidade e participação crítica, desenvolvendo interações com o público que determinam a existência de uma ligação continuada no tempo.

Ao colocar-se ao serviço do território, o Museu assume um papel catalisador de potencialidades e dinâmicas, públicas e privadas, de efeitos combinados. Inaugurou acompanhado da curiosidade associada à definição do exercício da sua gestão e uso. A natureza social e cultural do projecto, tanto na ideia como no desenho, tanto na sua escala local como global, representa um desafio ao modelo de gestão a seguir. Às entidades que intervêm nesse processo cabe acordar questões básicas (objectivos comuns consensuais, avaliação de desempenho, profissionalização da produção e divulgação, participação activa de todos) para uma prestação articulada de serviços e para a integração do Museu em redes nacionais e internacionais que facilitem a difusão alargada da sua pluralidade de significados.

Visitar o Parque Arqueológico do Vale do Côa é contactar com as nossas raízes mais distantes e com a beleza do seu suporte natural. A integração do Museu na paisagem trouxe contemporaneidade a esta visão. Conhecer não é demonstrar nem explicar, é aceder à visão¹¹: entre o Vale de José Esteves e o Vale do Forno, dominando o encontro do rio Côa com o rio Douro, encontramos o Museu. ¶

^
Painel do projecto, na exposição das propostas apresentadas no concurso público (MNA, Lisboa, Novembro de 2004 a Janeiro de 2005).

JPR | IGESPAR. 2005.

<
Rampa de acesso ao Museu.

JPR | IGESPAR. 2010.

NOTAS

- ¹ MORIN: 1973.
- ² FERRÃO: 2000.
- ³ ECKBO: 1950, p. 36.
- ⁴ In *Memória Descritiva* da equipa concorrente dos arquitectos Pedro Pimentel e Camilo Rebelo, 2004.
- ⁵ SIZA: 2002, p. 445.
- ⁶ IPA: 2004, p. 30.
- ⁷ In *Memória Descritiva do Projecto Geral de Arquitectura da Fase de Projecto de Execução do Museu de Arte e Arqueologia do vale do Côa*, equipa dos arquitectos Pedro Pimentel e Camilo Rebelo, Maio 2006.
- ⁸ *Idem, Ibidem.*
- ⁹ *Idem, Ibidem.*
- ¹⁰ BROOK: 1976, p. 152.
- ¹¹ SAINT-EXUPÉRY: 1946.

BIBLIOGRAFIA

- BROOK, Peter — Les trois cultures de l'homme. *CULTURES*. Paris : Ed. Les Presses de l'UNESCO et la Baconnière, vol. III, n.º 4 (1976).
- ECKBO, Garret — *Landscape for living*. [S. L.] : F. W. Dodge Corporation, 1950.
- FERRÃO, João — A geografia do país. *JANUS 99-2000 — anuário de relações exteriores*. Lisboa : [Pública e Universidade Autónoma de Lisboa], 2000.
- IPA — Relatório do júri. *MUSEU DE ARTE E ARQUEOLOGIA DO VALE DO CÔA — Concurso para o Projecto*, LIBRUS /IPA, Lisboa, 2004.
- Memória Descritiva*. Equipa concorrente ao Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa dos arquitectos Pedro Pimentel e Camilo Rebelo, 2004.
- Memória Descritiva do Anteprojecto do Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa*. Equipa dos arquitectos Pedro Pimentel e Camilo Rebelo, Julho de 2005.
- Memória Descritiva do Projecto Geral de Arquitectura da Fase de Projecto de Execução do Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa*. Equipa dos arquitectos Pedro Pimentel e Camilo Rebelo, Maio de 2006.
- MORIN, Edgar — *Le paradigme perdu: la nature humaine*. Paris : Ed. Du Seuil, 1973.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine — *Le Petit Prince*. Paris : Editions Gallimard, 1946.
- SIZA, Álvaro — Questionando Álvaro Siza. *Gestão Urbana*. Lisboa : 'Parque Expo' 98, S. A., 2002.